

## INDISSOCIABILIDADE UNIVERSITÁRIA: OLHARES, PRÁTICAS E POSSIBILIDADES DE ARTICULAÇÃO

**SILVEIRA, Max Daniel Silveira da<sup>1</sup> ; <sup>1</sup>, **OBELAR, Alessandra**<sup>2</sup>, **CABRERA, Darlene Silveira**<sup>3</sup>; **Orientadora: TAUCHEN, Gionara****

<sup>1</sup>Graduando em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande-FURG; <sup>2</sup> Pedagoga, <sup>3</sup> Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande-FURG; , Professora adjunta da Universidade Federal do Rio Grande- FURG Instituto de Educação, Email: maxdanielss@yahoo.com.br

### 1 INTRODUÇÃO

A emergência do tema indissociabilidade universitária: ensino pesquisa e extensão, tem perpassado inúmeros fóruns e diversos espaços, visto que ainda é motivo de discussão no que tange suas dificuldades de articulação e sua real concretude, ou seja, uma plasticidade mais expressiva e compreensiva aos olhares dos sujeitos que a constituem. Como hipótese, isto pode ser explicado pela explosão das funções, bem como a diversidade de entendimentos sobre essas, está correlacionada à proliferação das universidades, a ampliação da oferta de Educação Superior, a pós-graduação e à expansão do ensino e da pesquisa em novas áreas do saber, entre outras. Por isso, a multiplicidade de funções - tais como mobilidade social, prestação de serviços, investigação, mão-de-obra qualificada, treinamento, formação continuada, entre outras – levanta questões sobre a compatibilidade.

Neste sentido, este tema está intimamente ligado desde a história do surgimento das universidades no Brasil, seus modelos oriundos da Europa e dos Estados Unidos, bem como, a conjuntura política e econômica que desenvolve as relações no Brasil onde as necessidades de novas tecnologias e demais demandas sociais orientam esta tríade universitária.

Com base neste enunciado, a presente pesquisa tem como objetivo compreender como os professores da Universidade Federal do Rio Grande- FURG compreendem a articulação, dificuldades e possibilidades de articulação entre ensino, pesquisa e extensão.

### 2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Entendemos que a compreensão do princípio da indissociabilidade precisa ser contextualizada no nível de realidade em que a universidade tem lugar, mas avançando nos caminhos do pensamento emergente. Por isso, o presente estudo objetivou investigar as concepções e as estratégias de articulação entre ensino, pesquisa e extensão promovidas pelos docentes da de uma universidade federal do sul do estado do Rio Grande do Sul, bem como os obstáculos a materialização desse princípio constitucional.

O estudo caracteriza-se como pesquisa qualitativa (MORAES, (2003), de cunho exploratório-descritivo (TRIVIÑOS, 1987), pois

a pesquisa qualitativa pretende aprofundar a compreensão dos fenômenos que investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de

informação, isto é, não pretende testar hipóteses para comprová-las ou refutá-las ao final da pesquisa; a intenção é a compreensão (MORAES, 2003, p. 191).

Para ampliar o processo de compreensão, investigamos as concepções e os processos vivenciados pelos docentes universitários. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com os docentes que se dispuseram a colaborar com a pesquisa. Estas, gravadas, transcritas e analisadas por meio da Análise Textual Discursiva (ATD) de Moraes (2003, 2006), a partir de um processo cíclico e auto-organizado de construção de compreensões. Segundo Moraes (2003, p. 192),

[...] novos entendimentos emergem de uma seqüência recursiva de três componentes: desconstrução dos textos do *corpus*, a *unitarização*; estabelecimento de relações entre os elementos unitários, a categorização; o captar do novo emergente em que a nova compreensão é comunicada e validada.

Inicialmente, o *corpus* das entrevistas foi codificado, visando a definição das unidades de análise. Realizamos a desconstrução e unitarização do *corpus*, desintegrando os textos para destacar seus elementos constituintes, resultando em unidades de análise de maior e menor amplitude, definidas em função dos sentidos pertinentes aos propósitos da pesquisa.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No período de agosto do ano de 2010 a 2011 a pesquisa envolvendo a compreensão dos docentes da Furg, foi concluída onde os dados demonstravam as seguintes resultados:

O ensino é deliberado e dirigido, distingue-se, portanto, das informações adquiridas espontaneamente. Kourganoff (1990, p.37) complementa:

Não basta que a aquisição de conhecimentos (teóricos ou práticos) seja sistemática e organizada. Todo ensino digno deste nome supõe todo um trabalho preliminar de pré-digestão, de destilação, de redução, por parte dos que ensinam, que consiste em escolher, podar e simplificar para reter apenas os elementos que sejam ao mesmo tempo essenciais, relativamente rudimentares e facilmente assimiláveis aos estudantes.

Destaca, igualmente, a necessidade de progressividade dos conteúdos de ensino, organizando as etapas de raciocínio de modo a proporcionar aos estudantes o prazer de compreender e a satisfação de se sentir a par da atualidade. Este entendimento é, de certa forma, compartilhado pelos participantes da pesquisa, pois cerca da metade dos entrevistados referiu-se ao ensino como “troca de conhecimentos”, “processo em que o professor também aprende”, “conjunto de ações realizadas na busca do conhecimento”, “conhecimento através do diálogo”; “conjunto, elo entre os atores sociais”. Percebe-se a expressão da clássica relação didática triádica: o ensino como uma interação localmente organizada entre o professor, os alunos e um conteúdo. Contudo, cabe-nos questionar qual a concepção de construção de conhecimentos e a quais conhecimentos se referem.

As compreensões dos entrevistados, acerca da pesquisa universitária, apareceram balizadas pelas seguintes categorias: pragmatismo, desenvolvimento e inovação. A união destes elementos tem como meta o desenvolvimento “integral” do

ser humano/profissional e sinalizam a necessidade de modificações nas concepções de formação, de currículo e nas orientações político-pedagógicas da universidade.

A influência do pragmatismo incide na busca de soluções e no aspecto utilitário da pesquisa e conhecimento acadêmico. Esta ideia é plasmada nos seguintes falas sobre a pesquisa: “visa investigar, buscar soluções que afetam a sociedade e seu desenvolvimento”, “situação onde podemos investigar problemas de nosso cotidiano, sendo esses contextualizados com algumas teorias e apontando através da pesquisa possíveis soluções”, entre outras.

Se expressa, nestas falas, a necessidade da pesquisa vinculada a demandas sociais e econômicas, buscando o desenvolvimento do ser humano/formação pela via do conhecimento. Vemos esta perspectiva nas seguintes vozes: “desenvolver ou aperfeiçoar algo que já existe alguma coisa nova, ideias inovadoras, contribuir para o desenvolvimento, avanço na qualidade de vida” “ferramenta essencial no desenvolvimento de uma sociedade, busca pelas respostas”.

O conceito de inovação advém da mudança paradigmática no que tange o entendimento e apropriação sobre a pesquisa que envolve criar e recriar processos e práticas, como expressam algumas compreensões: “a pesquisa são atividades de investigação, descoberta, construção e reconstrução do conhecimento”, “desenvolver ou aperfeiçoar algo que já existe, alguma coisa nova, ideias inovadoras”.

Em relação a atividade de extensão, identificamos inúmeros conceitos (BOTOMÉ, 1996), todos carregando a idéia de aproximação da universidade com a comunidade, contemplando um dos princípios que perpassam todo o sistema educacional brasileiro: o exercício da cidadania. A extensão como curso, divulgando a produção científica e técnica da universidade; a extensão como prestação de serviços, por meio da realização de serviços sociais, promoção de eventos, de atividades filantrópicas e de comunicação com a sociedade. Extensão como complemento das atividades de ensino e pesquisa, compartilhando com a comunidade saberes e ações que seriam restritas ao espaço universitário, ampliando, também, as atividades de ensino e pesquisa, numa espécie de retroalimentação. E, por fim, a extensão como instrumento político-social.

#### **4 CONCLUSÃO**

Acreditamos que ainda há muito por se fazer, tanto no âmbito da compreensão da complexidade conceitual (dimensão epistemológica), quanto no âmbito das práticas efetivas em que acontece a docência (dimensão política e ética), pois necessita ser problematizado, sistematizado e enfrentado não apenas como objeto de pesquisa, mas, também, como política educacional.

A indissociabilidade, para ser compreendida, demanda o desenvolvimento e ampliação das percepções dos sujeitos, construindo relações, interações, interconexões, processos e sistemas abertos, produzindo conhecimentos a partir *do* e inseridos *no* contexto social. Portanto, entendemos que a mudança epistemológica e paradigmática ocorre quando o sujeito, por meio da compreensão do todo orgânico e sistêmico que constitui a universidade, admite participar e integrar a experiência de auto-produção e de co-produção.

Segundo as falas dos professores, discordamos com Kourganoff (1990) onde ele é enfático em afirmar que “o ensino e a pesquisa são atividades com

finalidades distintas”: o ensino “supõe uma ação de alguém que ensina sobre alguém que recebe um ensinamento”; a pesquisa “pretende produzir novos conhecimentos, novas técnicas, ou colocar novos problemas” (p.46-47); no ensino há uma preocupação pedagógica iminente, por se almejar uma formação profissional; na pesquisa não há uma preocupação pedagógica subjacente, até porque, muitas vezes, o trabalho se dá “na solidão e no silêncio”.

Por outro lado concordamos com Chizzotti (2001, p.103-112), que por sua vez, defende que o ensino precisa apoiar-se na pesquisa e que a pesquisa pode desenvolver o ensino. Para ele “a pesquisa é uma atividade da vida cotidiana que se sistematiza e amplia o conhecimento” na medida em que as pessoas se defrontam com problemas ou precisam tomar decisões. Sendo a prática docente um processo contínuo de enfrentamento de problemas e tomada de decisões, o ensino deve beneficiar-se da pesquisa, pois esta se tornou “um esforço metódico de busca de informações para produzir conhecimentos novos, ampliar a compreensão do mundo e auxiliar na solução de problemas concretos”.

O ensino, por sua vez, não pode limitar-se a mostrar o que está feito ou transmitir o conhecimento acumulado historicamente, mas deve “orientar as pessoas a conseguir informações necessárias para resolver os problemas que a vida oferece, sejam eles cotidianos, profissionais ou sociais”. Por isso, defende a posição de que o ensino precisa vincular-se à pesquisa, apesar de reconhecer que há muitas dificuldades de se conciliar o ensino com a pesquisa no atual cenário como se estrutura administrativamente as universidades. Portanto, ao final deste trabalho compreendemos que a universidade, ao desenvolver as atividades de ensino, pesquisa e extensão, não proporciona apenas a socialização, produção, desconstrução e ressignificação de objetos de conhecimento, mas se faz conhecer e se auto-produz como instituição.

## 5 REFERÊNCIAS

BOTOMÉ, Sílvio Paulo. **Pesquisa alienada e ensino alienante**: o equívoco da extensão universitária. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHIZZOTTI, Antonio. Metodologia do ensino superior: o ensino como pesquisa. In: CASTANHO, Sérgio; CASTANHO, Maria Eugênia (orgs.). **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. Campinas: Papyrus, 2001, p.103-112.

KOURGANOFF, Wladimir. **A face oculta da universidade**. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1990.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**. Bauru, v.9, nº 2, 2003. p. 91-211.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.